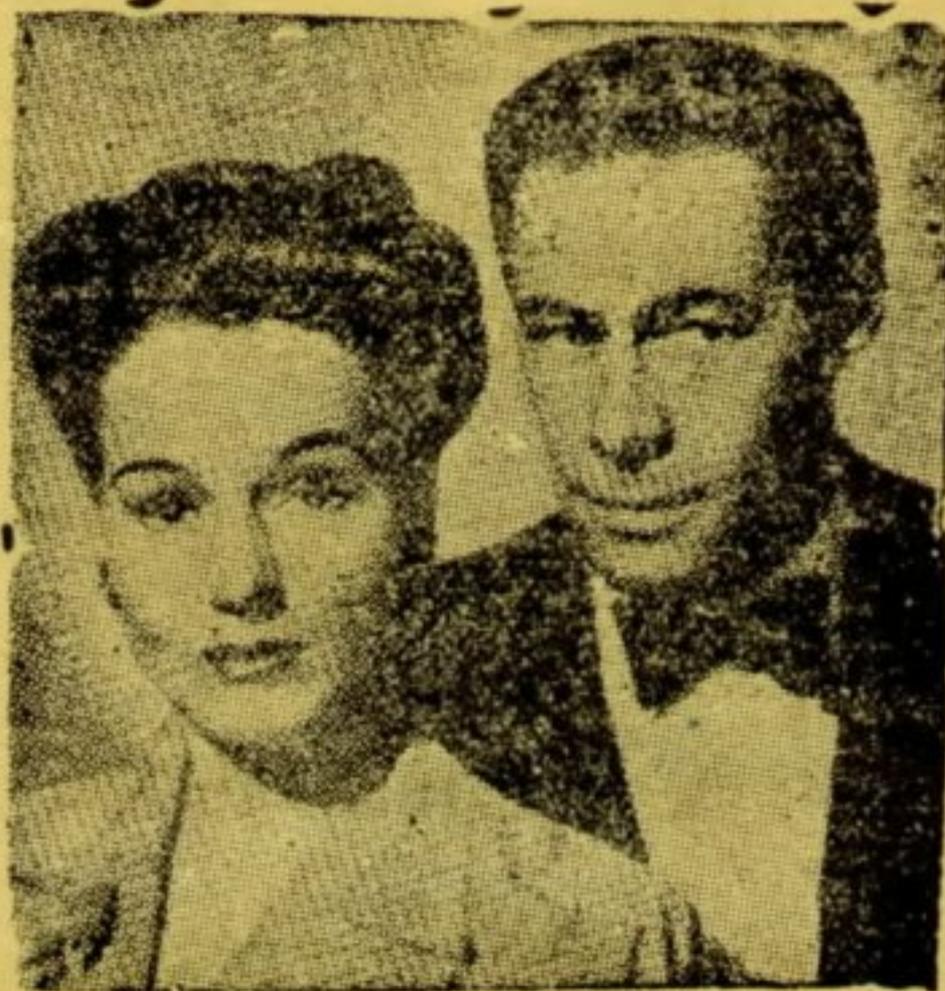


SEVERINO MILANÊS DA SILVA

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

HISTÓRIA DE



Rosa e Maximiano

Saverino Milanes

Proprietarias Filhas de José Bernardo da Silva

HISTORIA DE
Rosa e Maximiano

Habitava um grande rei
na América Meridional
tinha uma filha única
dona Rosa do Amiral
era a moça mais bonita
da côrte imperial

Em seu pai lhe chamar Rosa
o seu nome conduziu
das princesas americanas
que até hoje se viu
foi a moça mais bonita
que a luz do sol cobriu

O falar desta princesa
era duma flor se abrindo
seus cabelos, fios de ouro
sobre os seus ombros caindo
só parecia um anjo
nos braços de Deus dormindo

Junto ao rei morava 1 velho
chamado Pedro Adriano
que emigrou da Europa
para o solo americano
viúvo, só tinha um filho
chamado Maximiano

Dona Rosa com seis anos
 a escola frequentava
 quando ia pro colégio
 na porta dele passava
 olhava Maximiano
 no amor se embriagava

A nove de fevereiro
 ela completava ano
 o seu pai deu um banquete
 no palácio americano
 ela estava no jardim
 encontrou Maximiano

Disse ela a Maximiano:
 esta sina vós não muda
 estrangeiro em nossa terra
 a todo mundo saúda
 este povo americano
 só dá crença a quem estuda

Disse ele: meu pai é pobre
 nada possui de riqueza:
 ela disse: tu aprendes
 que eu pago tua despesa
 ele disse: sejam feitas
 as vontades da princesa

— Você vá pra academia
 se dedique para ler.
 se alguém lhe perguntar
 não é preciso dizer
 diz que é gente de família
 que vai pra lá aprender

Foi ele pra academia
se dedicou com valor
foi o primeiro anista
em todo superior
não completou nove anos
tirou carta de doutor

Ele escreveu à princesa
mandando participar:
serei um criado às ordens
se a senhora precisar;
a princesa lhe escreveu:
meu interêsse é casar

— Pedir a meu pai, não vá
que a lei monarca nos priva
quero que compre 1 escravo
que na viagem nos sirva
um cavalo de silhão
que tenha passada ativa

Na noite 30 de agosto
estou pronta para fugir
vá me esperar no portão
do jardim, que quero ir
el-rei fará uma festa
ele não pode sair

Chegou a segunda noite
Maximiano partiu
ele chegou no jardim
em hora que ninguém viu
com o atraso, de sono
à meia-noite dormiu

Havia ali um ladrão
 sempre naquele lugar
 foi passando no jardim
 ouviu gente ressonar
 julgou que fosse a princesa
 que fugisse pra casar

E pega Maximiano
 para um lugar arredou
 depois pegou o escravo
 perto do mesmo botou
 e sacou-lhe um punhal
 pela princesa esperou

Quinze minutos depois
 o ladrão estava sentado
 viu chegar uma princesa
 que lhe deixou abismado
 dizendo: vens ver o dinheiro
 que pra nós está separado

O ladrão saiu vexado
 no pé da escada achou
 as rumas de ouro em fardo
 que ele se admirou
 ele deu duas viagens
 mas o que viu, carregou

Ela saiu num cavalo
 ele em outro montado
 o cavalo do escravo
 com dinheiro carregado
 ele a ela seguiu
 de ouça surda, calado

Entraram em uma mata
 quando a aurora quis romper
 ele falou a princesa
 ela pode conhecer
 disse ele: tu te somes
 que não quero mais te ver

Ela aí se apeou
 de medo já quase morta
 o ladrão disse: ora esta
 menina, dê meia-volta
 ladrão só quer é dinheiro
 com princesa não importa

Ela aí entrou na mata
 numa vereda que achou
 às duas horas da tarde
 uma cabana avistou
 na porta tinha uma velha
 vendo a princesa, pasmou

Disse a princesa velhinha
 agora vou te pedir
 pra trocar nossos vestidos
 que o teu vem me servir
 quero que guarde o segredo
 enquanto eu existir

Disse a princesa: velhinha
 ando cumprindo uma sina
 lhe deu seu rico vestido
 um anelão de pedra fina
 saiu vagando ao mundo
 como uma peregrina

Se empregou numa cozinha
 trabalhou de cozinheira
 depois colocaram ela
 para um lugar de copeira
 daí ela embarcou
 pra outra América estrangeira

Não quis cortar os cabelos
 fez um gorro de setim
 com dez amarras de ouro
 purpurina, lamatin
 com 3 pedras de brilhante
 usou dessa forma assim

Vestiu-se em traje de homem
 mudou o nome pra João
 foi pra América do Sul
 pra capitão Assanção
 disse a Dom Nilo que era
 filho de outra nação

Quando ele chegou na corte
 a todos fez cortesia
 disse el-rei: tiré o chapéu
 deixe de tanta ousadia
 -Perdão el-rei, foi promessa
 que fiz com Santa Luzia

Todos fitaram pra João
 aquele moço estrangeiro
 João conhecia bem
 o português brasileiro
 o rei deixou-o na corte
 para ser seu conselheiro

Dom Nilo entrou em guerra
 com uma nação vizinha
 foi para o campo da luta
 com o exército e a marinha
 deixou João de vice-rei
 aos cuidados da rainha

Dias passados depois
 que o rei tinha saído
 João acordou-se uma noite
 por um tual desmedido
 era a dona imperatriz
 chamando-o com mau sentido

Disse a rainha: João
 tu és um moço direito
 te amo de coração
 ao meu amor estás sujeito
 Dom Nilo se acha ausente
 vem te gozar de seu leito

João respondeu à rainha:
 tal cousa nunca farei
 da senhora seduzir-me
 também eu nunca pensei
 antes prefiro a morte
 do que ser falso a meu rei

A rainha ouvindo isto
 ficou se desesperando
 como uma cobra bravia
 dizia se lastimando:
 deixa está, meu bem amado
 que teu chá está se coando

João disse: oh! Virgem Maria
 eu vos tomo por madrinha
 não permita que eu morra
 pelo falso da rainha
 mulher perseguindo outra;
 ó Deus, que sorte esta minha!

— Já me trajei como homem
 para não ser conhecida
 andando por terra alheia
 sem pai, sem mãe, desvalida
 não permitas que por falso
 vá eu perder minha vida!

Dom Nilo naquele tempo
 a grande guerra venceu
 retirou-se para a pátria
 vê o trono que era seu
 foi recebido com festas
 muitos vivas que João deu

Disse a rainha: Dom Nilo
 vos amo; João é exato
 mas é um coço bandido
 eu cá quase que o mato
 que teve o atrevimento
 de vir pedir meu retrato

Dom Nilo tinha uma força
 com um metro de altura
 mandou buscar João prêso
 arrastado na terra dura
 igualmente a Jesus Cristo
 pela rua de amargura

Dom Nilo disse a João:
 a minha lei é direita
 quem violar um só ponto
 à força o castigo aceita
 e para servir de exemplo
 mulher de rei se respeita

—Tu pedes perdão a Deus
 que vais morrer enforcado
 olha para o pé da força
 vês o carrasco dum lado;;
 a rainha gritou logo:
 enforca este condenado!

João disse: Dom Nilo
 tenha de mim a clemência
 a morte a mim faz-me bem
 porem tenha paciência
 dê-me três horas de vida
 que provo a minha inocência

Dom Nilo disse: João
 eu dou lei igual ao Papa
 ele dita lá na Sé
 e eu cá boto no mapa
 se não provar a verdade
 da minha mão não escapa

João seguiu para casa
 tirou o seu fardamento
 quinze minutos depois
 foi o rei em seguimento
 acha João feito uma moça
 quase dá-lhe um passamento

João disse: rei Dom Nilo
 me prove esse mister
 eu já provei a verdade
 me matará se quiser
 homem desta condição
 não aperreia mulher

Dom Nilo disse a João:
 é tirana a mulher minha
 ela tem sentido em vós :
 ser falsa a mim lhe convinha
 indignado de ira
 mandou matar-a rainha

Morta a rainha que seja
 João pegou a pensar
 fazia melhor negócio
 sair daquele lugar
 mesmo el-rei estava viúvo
 podia lhe importunar

João disse ao rei Dom Nilo
 que estava incomodado
 precisava tomar ares.
 embarcar pra outro lado
 -Se não cederes licença
 vês eu morrer enforcado

Disse o rei: pode ir embora
 João seguiu sem ter plano
 tomou um barco e saltou
 em um porto uruguaiano:
 deixe João feito doutor
 e falo em Maximiano

Uma hora da madrugada
 Maximiano acordou
 se achava em outro lugar
 o punhal não encontrou
 olhava os cavalos e não viu
 disse: o ladrão me roubou

Ele acordou o escravo
 que nessa hora dormia
 em vez de falar com ele
 de raiva o corpo tremia
 pra não matar o escravo
 deu-lhe carta de alforria

Então ele ai saiu
 cumprindo a sina tirana,
 não saía do sentido
 sua jovem soberana
 tomou um barco e saiu
 no porto de Uruguaiana.

No porto dessa cidade
 morava ali um barão
 residente há oito anos
 filho de outra nação
 costumava fazer festa
 toda noite de São João

A festa desse barão
 só era de ano em ano
 era praxe da pobreza
 e para algum soberano
 por causa de muito rogo
 se achou Maximiano

As oito horas da noite
 estava completa a mesa
 ali os capitalistas
 falando sobre a riqueza
 disse o barão: eu fui pobre
 por isso eu amo a pobreza

Maximiano ouvindo isto
 nas pontas dos pés se ergueu
 -- Senhor barão era pobre
 de que forma enriqueceu?
 porque não está maltrapilho
 no estado que estou eu?

Disse ele: fui um ladrão
 que só vivia roubando
 uma noite no palácio
 no jardim ia passando
 vi dois vultos pela terra
 estava tudo ressonando

--A princesa ia fugir
 foi o que eu vacillei
 eu pegando o goivo dela
 perto do escravo botei
 e saquei-lhe um punhal
 pela princesa esperei

--Eu ouvi umas pisadas
 e logo se apresentou
 uma moça muito bela
 que muito lhe fascinou
 dizendo: Maximiano
 às tuas ordens estou

—Eu seguí com a princesa
quando a aurora rompeu
eu falei com a donzela
ela aí me conheceu
saltou do cavalo abaixo
pela montanha correu

—E para tu não dizeres
que eu sou descomunal;
arrastou uma gaveta
disse: aqui tem o sinal
do noivo que era dela
roubei-lhe este punhal

O punhal tinha três letras
que o autor dele escreveu
Maximiano pegando
no punhal reconheceu
e disse: senhor barão
saiba que o punhal é meu

—Se a princesa morreu
é tão triste a sina dela
e se persegue a virgindade
pobre daquela donzela
ela morreu foi por mim
o barão morre por ela

E o pegou pelo braço
com uma força renitente
deu-lhe 4 punhaladas
que o furou gravemente
o barão caiu por terra
morreu instantaneamente

Os soldados que ali estavam
 lhe deram voz de prisão
 João que era doutor
 fez uma interrogação
 me dizes porque tiraste
 a vida deste barão?

— Senhor doutor, eu matei-o
 por causa duma donzela
 dona Rosa de Amaral
 a flor do mundo mais bela
 ela morreu foi por mim
 eu matei o barão por ela

João disse Maximiano:
 tua linguagem é fina
 tu és muito jovial
 mas tua mão é ferina;
 o botou na sala livre
 e o dispensou da fachina

Quando entrou em jurado
 estava completa a sessão
 promotor advogado
 eram amigos do barão
 deram os 12 votos contra
 apelou pra relação!

Entraram outros seis meses
 torna ela entrar em jurado
 deram doze votos contra
 ia morrer degolado
 João trajou-se de princesa
 foi ser seu advogado

—Maximiano, eu sou Rosa
do Amaral; tua amante
o conselho não permite
o meu sofrer bastante
não há sentença de morte
havendo um atenuante

O illustre promotor
já leu o que fez Helena
na era cento e quatorze
na cidade de Viena
que o próprio pai matou
na idade tão pequena?

—Já leu o que fez Artur
o cavalheiro de França?
que amou uma donzela
na cidade de Bragança
por ela perdeu a vida
traspassando em uma lança

O ladrão não tem direiro
que a todo mundo seduz
de todos o melhor foi Dimas?
porem morreu numa cruz
só alcançou o perdão
pela mercê de Jesus

Já leu o que fez Roldão
o que fez em Timorante
quando o sangue derramou
por causa de uma amante?
el-rei Davi por mulher
mandou matar o almirante?

Disse o promotor: princesa
tu já ganhaste a questão
ela disse: é minha toda
a riqueza do barão
o traidor quando ganha
já tem perdido a razão

A princesa em regosijo
por ter tido vencimento
botaram banho na igreja
contrataram o casamento
com 15 dias depois
receberam o sacramento

Mandou ver suas riquezas
o trabalho concluiu-se
a baroneza com raiva
dessa cidade evadiu-se;
este caso foi notório
quando a América descobriu se

Moça que pensa em fugir
só vai num tempo tirano
não reconhece o que faz
desmantela sempre o plano
toda moça não é Rosa
nem todo é Maximiano

F I M — Juazeiro, 20/10/1.976

475
Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÊ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSE' DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

MANOEL PEDRO DOS SANTOS

Rua Ipiranga — Vizinho a LAGENCIA
Arapiraca — Alagoas